

Marcia Regina Eches Perugini,  
Renata Aparecida Belei

Universidade Estadual de Londrina (UEL), Londrina,  
PR, Brasil

**Introdução:** As superfícies e equipamentos do ambiente hospitalar são fômites de microrganismos patogênicos e resistentes, representando riscos à saúde de pacientes de terapia intensiva pediátrica, uma vez que são mais susceptíveis a adquirir infecções relacionadas à assistência à saúde, pois possuem imaturidade do sistema imunológico associada a gravidade da doença de base.

**Objetivo:** Avaliar a contaminação ambiental e seu perfil microbiológico da área de uso comum entre acompanhantes e profissionais de saúde de terapia intensiva pediátrica.

**Método:** Estudo transversal e exploratório de abordagem quantitativa, realizado em uma unidade de terapia intensiva pediátrica de um hospital de nível terciário do Sul do país. Para avaliar as amostras microbiológicas foram friccionados swabs estéreis nas superfícies inanimadas selecionadas: dispensadores de álcool em gel, poltronas, bancadas administrativas, puxadores das portas e gavetas dos mobiliários do posto de enfermagem, carrinho de emergência, balanças para mensuração do peso de crianças, aparelho radiográfico portátil, placa de radiografia, telefones, teclados e mouses de computadores. Essa pesquisa está vinculada ao projeto “Investigação da contaminação ambiental em áreas críticas hospitalares e avaliação da efetividade da desinfecção”, sob aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo seres humanos da instituição sob o parecer nº 3.900.544 e Certificado de Apresentação de Apreciação Ética: 28169520.0.0000.5231.

**Resultados:** Das 16 superfícies analisadas, 56,25% apresentaram contaminação por microrganismos, sendo 77,8% por *Staphylococcus coagulase negativa* e 22,2% por *Staphylococcus aureus*. Em relação ao perfil microbiológico, todos os isolados expressaram 100% de resistência a penicilina e oxacilina.

**Conclusão:** Superfícies e equipamentos inanimados dos serviços de saúde possuem alto potencial de contaminação por microrganismos multirresistentes, sendo necessário a implantação de protocolos institucionais e supervisão na limpeza e desinfecção, a fim de prevenir as infecções hospitalares.

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2022.102651>

ÁREA: COVID-19

EP-233

#### CARACTERIZAÇÃO DOS PACIENTES QUE EVOLUÍRAM COM LESÃO RENAL AGUDA NO HOSPITAL DE REFERÊNCIA PARA COVID-19 NO ESTADO DA BAHIA EM 2020

Mariana Souza Santos Oliveira<sup>a,b,c</sup>,  
Acácia Mayra Pereira Lima<sup>a,b,c</sup>,  
Lindracy Luara Bollis Caliani<sup>a,b,c</sup>,  
Caroline Castro Vieira<sup>a,b,c</sup>,  
Áurea Angelica Paste<sup>a,b,c</sup>,  
Luis Eugenio de Souza<sup>a,b,c</sup>, Ceuci Nunes<sup>a,b,c</sup>

<sup>a</sup> Instituto Couto Maia (ICOM), Salvador, BA, Brasil

<sup>b</sup> Instituto de Saúde Coletiva (ISC), Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador, BA, Brasil

<sup>c</sup> Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), Salvador, BA, Brasil

**Introdução:** O Instituto Couto Maia (ICOM) foi o primeiro hospital da Bahia a se tornar referência para assistência aos pacientes regulados, suspeitos ou confirmados de infecção pelo novo coronavírus. Nesse período, foram atendidos muitos pacientes com quadro clínico de maior ou menor gravidade, que apresentaram diversas complicações com desfechos variados. A literatura tem registrado que a lesão renal aguda (LRA) em pacientes hospitalizados com COVID-19 está associada a um pior prognóstico e a maior mortalidade. Além disso, outros fatores estão associados ao desenvolvimento de LRA, como gênero masculino, idade igual ou superior a 60 anos e a presença de comorbidades como obesidade, Diabetes, Hipertensão Arterial Sistêmica e outras Doenças Cardiovasculares.

**Objetivo:** Caracterizar o perfil demográfico e clínico dos pacientes hospitalizados com COVID-19 no ICOM, durante o ano de 2020, que desenvolveram LRA durante o internamento.

**Método:** Estudo transversal com base em dados obtidos nos prontuários da instituição hospitalar ICOM e exportados para o RedCap®, coletados entre 2020-2021, referentes aos pacientes internados por COVID-19, no ano de 2020. Os dados foram analisados no software Stata-17, onde foi realizada a análise descritiva de frequência e proporções.

**Resultados:** Durante o ano de 2020, foram atendidos 1.768 pacientes com suspeita ou diagnóstico de COVID-19 no ICOM. Desses, 329 (18,6%) desenvolveram LRA como complicação. Dos pacientes com LRA (329), 78,11% foram a óbito e 13,67% tiveram alta. A maioria era do sexo masculino (62,61%) e estava na faixa etária de 60 anos ou mais (62,91%). Além disso, dentre esses 329 pacientes que desenvolveram LRA, a maioria era de hipertensos (63,52%), muitos eram diabéticos (44,07%), obesos (23,1%) ou portadores de doença cardiovascular (22,49%). Curiosamente, havia doença renal crônica prévia em apenas 6,38% deles. A grande maioria (86%) dos pacientes que tiveram LRA foram internados, desde o momento da admissão, em Unidade de Terapia Intensiva.

**Conclusão:** Na experiência do ICOM, a ocorrência de LRA em pessoas com COVID-19 está associada a um prognóstico evolutivo desfavorável, incluindo uma taxa de mortalidade mais elevada. Os fatores associados ao desenvolvimento de LRA encontrados nesse estudo coincidem com os que vêm sendo observados na literatura sobre o tema.

Ag. Financiadora: CNPQ.

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2022.102652>

EP-234

#### PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DA COVID-19 EM UM MUNICÍPIO DO INTERIOR DO ESTADO DE SÃO PAULO

Julia Gabas Leite, Ricardo Santaella Rosa,  
Nicolas Joseph Della Matta,  
Olavo Ferreira Lopes,